

Faz 55 anos que Augusto dos Anjos fechou os olhos para o mundo, mas continua vivo, tão vivo como em 1912, quando publicou o *Eu*. De então para cá tem sido o poeta mais lido e mais discutido do Brasil, nem sempre bem compreendido.

A princípio, sua obra só mereceu apreciação do ponto de vista estético, com aplausos de uns e restrições de outros. Mesmo assim, sob a influência única do critério impressionista, que era a visão crítica da intelectualidade brasileira, as edições do *Eu* se sucediam, sempre esgotadas. Em 50 anos foi esse livro editado 30 vezes, o que, só por si, representa uma consagração das mais expressivas, num país de poucos leitores como o nosso.

Escapando da incompreensão impressionista, chegou o nosso poeta a ser convertido em objeto de estudos psiquiátricos e não psicanalíticos, como se o diagnóstico, no caso, abrisse caminho para a análise crítica. Confinado, assim, nesse campo de especulação nosológica, serviu até de tema, lá na Bahia, para uma tese de doutoramento, de onde saiu classificado com a balda de melancólico, que é, na realidade, uma psicose maníaco-depressiva. Um escritor da minha terra, a Paraíba, não tardou em lançar um ensaio intitulado — *Augusto dos Anjos — Poeta da Morte e da Melancolia*. Se a melancolia é, como dizem, um abatimento do espírito, parece evidente que dessa morbidez não sofria o poeta, pois ao melancólico faltam condições para realizar-se artisticamente.

Também ninguém poderá dizer fôsse Augusto dos Anjos um homem normal. Sua obra poética espelha as desordens psíquicas que amiúde o acometiam. Fôrça será reconhecer que havia na família antecedentes hereditários. Seu pai, homem versado em humanidades, morreu de paralisia geral e sua mãe, desde que êle nasceu, ficou desajustada da mente,

* Conferência pronunciada na Academia Mineira de Letras, Belo Horizonte, a 16 de abril dêste ano (1970).